

# HUSSERL, PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E PSICOTERAPIA EXISTENCIAL<sup>1</sup>

*Daniel Sousa*

Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial

## Introdução

A psicologia ainda desconhece a obra de Edmund Husserl.

Talvez por estar ainda confinada apenas aos livros publicados em vida do autor, ou por manter uma visão redutora da fenomenologia, desta se enclausurar num *ego* transcendental que a linha hermenêutica e existencial viria desbloquear. Como diria Ricoeur, a história da fenomenologia são as histórias das heresias husserlianas. Talvez, por se julgar que a crítica concludente que o filósofo efectuou ao que denominou de psicologismo, tivesse sido uma negação da psicologia. Como é sabido o primeiro volume das *Investigações Lógicas* pretendeu resgatar a Lógica e a teoria do conhecimento, das limitações de uma psicologia e de uma metodologia de base experimental, e não de realizar uma pura contestação ao campo psicológico. Como diria Husserl “o retorno às questões de princípio mantém-se uma tarefa sempre a retomar de novo”. A questão de princípio hoje, não é prosseguir a remota controvérsia entre uma psicologia descritiva e uma fenomenologia transcendental, mas

---

<sup>1</sup> O presente texto resulta de uma comunicação pessoal realizada no Colóquio Internacional de Fenomenologia, Psicologia e Psicoterapia”, que decorreu a 23 e 24 Janeiro de 2009 no ISPA pelo que denota marcas da oralidade de uma conferência.

interrogar sobre a pertinência da aplicação da fenomenologia na psicologia e na psicoterapia actuais.

No presente trabalho procuraremos defender uma tese central, a saber: a psicologia fenomenológica é uma disciplina autónoma, com espaço de intervenção próprio e delimitado. O seu programa é dividido em duas grandes partes, sustentadas respectivamente, por uma fenomenologia estática e a uma fenomenologia genética de base husserliana, enriquecida por contributos outros.

O nosso tema central ramifica-se em três pontos interligados entre si:

1. A fenomenologia estática constitui-se em psicologia eidética com objecto de estudo próprio, uma metodologia de investigação claramente delineada, que inclui processos de validação intersubjectivos dos resultados das suas pesquisas, devida e epistemologicamente enquadrados. Tem assim uma implicação directa na investigação psicológica e algumas contribuições para a psicoterapia, nomeadamente, metodológicas.
2. A fenomenologia genética é o fundamento de uma psicologia que está para além de uma descrição das estruturas intencionais da consciência. Trata-se de um contributo da psicologia fenomenológica sobre temas como o *self*, a subjectividade e a intersubjectividade, sobre as noções de corpo e empatia, sobre temáticas como alteridade e ipseidade, para citarmos alguns pontos fundamentais das suas investigações. O cerne desta psicologia fenomenológica II situa-se na teoria da consciência interna do tempo e é a base de uma psicoterapia fenomenológico-existencial.
3. A psicologia fenomenológica tem ainda uma função mediadora, *in media res*, entre um espaço eminentemente filosófico, de cariz fenomenológico transcendental e hermenêutico-existencial e o próprio campo psicológico, sua área de acção.

Evidentemente que uma abordagem detalhada sobre nossa proposta é impraticável neste contexto. Abordaremos temáticas centrais sobre os dois primeiros pontos, com particular ênfase no segundo. Tomamos a liberdade perante o leitor de na primeira parte do texto apresentar sucessivas citações de Husserl com intuito de sinteticamente apresentar alguns argumentos do próprio autor, atendendo que porventura a psicologia seja menos conhecedora de partes da obra husserliana.

## 1. Psicologia Fenomenológica I (Fenomenologia Estática)

No texto das “Lições de Amesterdão”, Husserl clarifica logo de início:

No decurso do seu desenvolvimento. [a fenomenologia] apresenta-nos um duplo sentido em relação ao seu significado: por um lado, como fenomenologia psicológica, que deverá servir como ciência radical fundamental para a psicologia; por outro lado, como fenomenologia transcendental, que por sua parte com a ligação à filosofia tem como grande função ser Filosofia Primeira; isto é, de ser a ciência filosófica das fontes de onde a filosofia emerge<sup>2</sup> (Husserl, 1928/1997, p. 214).

Esta psicologia fenomenológica teve e tem impactos muito importantes para o psicólogo. Desde logo, pela desnaturalização da consciência que efectuou, ao estabelecer a intencionalidade como estrutura fundamental dos actos de consciência, quer sejam uma percepção, uma memória, uma fantasia, estes visam um objecto intencional, estão para além de um registo espaço-temporal e empírico. O fenómeno, não é o objecto de uma experiência, mas o aparecer do objecto, a vivência intencional em que o objecto surge. A teoria da intencionalidade, não negando a dimensão empírica é independente de uma visão exclusivamente fáctica dos objectos da consciência, possibilitando o estudo do sentido desta, i.e., numa perspectiva não naturalista. Surge um novo horizonte de investigação, o estudo da consciência intencional e, como refere o nosso autor, “fazer luz sobre o intencional é uma tarefa árdua para a investigação fenomenológica-psicológica” (Husserl, 1928/1997, p. 229).<sup>3</sup>

Um segundo contributo fundamental é da ordem metodológica. Tendo a consciência intencional como objecto de estudo, a psicologia fenomenológica desenvolve um novo método adequado a este, com implicações essenciais, embora distintas, para o contexto clínico e para o âmbito da investigação em psicologia qualitativa. Não vamos abordar a distinção. Focamo-nos apenas em dois aspectos do método – a redução fenomenológica e a análise eidética – com intuito de salientar a sua especificidade quando aplicado ao contexto da investigação.

Se a *epoché* não é uma negação do mundo, não é uma exclusão da realidade mas uma mudança radical de atitude em relação a esta, a redução fenomenológica permite ao psicólogo focar-se na correlação entre o objecto da

---

<sup>2</sup> “In the further course of its development it (the phenomenological) presents us with a double sense of its meaning: on the one hand, as *psychological phenomenology*, which is to serve as the radical science fundamental to psychology; on the other hand, as *transcendental phenomenology*, which for its part has in connection with philosophy the great function of First Philosophy; that is, of being the philosophical science of the sources from which philosophy springs” (Husserl, 1928/1997, p. 214).

<sup>3</sup> To shed light on the intentional is a huge task for phenomenological-psychological research” (Husserl, 1928/1997, p. 229).

experiência e a experiência desse mesmo objecto. O objecto de estudo da fenomenologia não é algo imediatamente acessível. A redução não exclui o mundo, centrando-se na pura subjectividade, nem procura aceitar como garantido a aparência que é visada na atitude natural. O sujeito vive como que anonimamente através do fluxo de consciência, sem se focar nos processos mentais, tendo como garantido a realidade do objecto, tal como é dado à consciência. A metodologia fenomenológica é reflexiva. O acto intencional não é ele mesmo visado pela própria consciência tal como é visado o objecto. Só posteriormente pode a consciência reflectir sobre o objecto intencional e tematizar a experiência vivida. Na redução é já o objecto noemático que é visado pela reflexão fenomenológica, *i.e.*, o objecto tal como percebido, tal como recordado.

Citemos o autor:

Por conseguinte podemos aqui clarificar, simultaneamente, como a redução fenomenológica pode adquirir para os psicólogos, a função metódica e útil de fixar o sentido noemático, distinguindo-o nitidamente do objecto dado de maneira absoluta e reconhecê-lo como algo pertencente e inseparável da essência psicológica do processo mental intencional. (Husserl, 1913/1998, p. 217).<sup>4</sup>

A redução do método fenomenológico aplicado à psicologia é uma redução parcial e específica a esta ciência, implicando que o psicólogo não faça uso de um passo metodológico subsequente, a redução transcendental.

Novamente Husserl:

Por conseguinte, de forma a atingir o objecto de estudo puro e efectivo da “psicologia descritiva”, exige-se um método praticado total e conscienciosamente o qual designo por redução fenomenológica-psicológica – entendida neste contexto como método para a psicologia (Husserl, 1954/1970, p. 236).<sup>5</sup>

Actualmente, a investigação qualitativa em psicologia parece estar marcada por uma abordagem declaradamente subjectivista, como contraponto a um neo-positivismo *mainstream*, reclamando por vezes o enquadramento da tradição fenomenológica. Parece-nos que esta posição teórica-prática não tem cabimento sob a égide da fenomenologia. Já no prefácio da 2ª edição de *Investigações Lógicas*, Husserl refere que a fenomenologia pretende explorar a

<sup>4</sup> “Thus one can make clear here at the same time how the phenomenological reduction can acquire for psychologists the useful methodic function of fixing the noematic sense by sharply distinguishing it from the object simpliciter, and recognizing it as something belonging inseparably to the psychological essence of the intente mental process.” (Husserl, 1913/1998, p. 217).

<sup>5</sup> “Thus in order to attain the pure and actual subject matter of the required “descriptive psychology”, a fully consciously practiced method is required which I call the *phenomenological-psychological reduction* – taken in this context as a method for psychology” (Husserl, 1954/1970, p. 236)

“relação entre a subjectividade do conhecer e a objectividade do conteúdo do conhecimento.” No âmbito da investigação científica em psicologia, embora a fenomenologia parta de perspectivas idiossincráticas não pretende apenas estudar como é uma determinada vivência intencional, para este ou aquele sujeito em particular, mas analisar e capturar as estruturas invariantes da experiência.

Por essa razão Husserl afirma:

Devo ainda mencionar o facto de que como se pode ver, a psicologia fenomenológica eidética, não é uma mera eidética do *ego* individual; é antes de tudo a eidética da intersubjectividade fenomenológica (Husserl, 1928/1997, p. 249).<sup>6</sup>

A psicologia fenomenológica não exclui a subjectividade e a objectividade das suas investigações, articula ambas as dimensões e como qualquer método científico, procura delimitar e evitar enviesamentos sobre o seu objecto de estudo. Em muitos círculos da pesquisa qualitativa, a fenomenologia tem sido erradamente confundida como sendo uma metodologia que apenas dá voz a depoimentos subjectivos da experiência dos sujeitos. No entanto, esta garante um enquadramento epistemológico, teórico e metodológico que lhe permite sustentar uma coerência interna constituindo os dados das investigações a um nível eidético, concebendo generalizações passíveis de serem testadas embora não se reclame uma validade apodíctica.

Uma teoria cientificamente válida é um sistema de resultados intersubjectivos que têm um sentido auto-constituente e enriquecedor da objectividade no seio da própria subjectividade (Husserl, 1928/1997, p. 234).<sup>7</sup>

A psicologia fenomenológica eidética e intencional é um projecto de investigação vasto com dois objectivos básicos: realizar a análise constitutiva do modo como os objectos se dão à consciência; e definir as estruturas essenciais da experiência. Husserl distinguiu a fenomenologia estática de uma fenomenologia genética, embora defendesse a articulação entre ambas.

## 2. Psicologia Fenomenológica II (Fenomenologia Genética)

O ponto de transição decisivo para uma análise genética é a teoria da consciência interna do tempo, pedra angular do edifício teórico husserliano.

---

<sup>6</sup> “I must still mention the fact that as one can see, eidetic phenomenological psychology is anything but a mere eidetics of the individual ego; it is, rather, the eidetics of phenomenological intersubjectivity” (Husserl, 1928/1997, p. 249).

<sup>7</sup> “Scientifically valid theory is a system of intersubjective results which carry a self-constituting and enriching sense of objectivity within subjectivity itself” (Husserl, 1928/1997, p. 234).

É o âmago de uma espiral teórica que relaciona múltiplas temáticas que associadas entre si implicam outros desenvolvimentos na psicologia e facultam os fundamentos da psicoterapia fenomenológico-existencial. Abordaremos apenas alguns pontos.

## **Teoria da Consciência Interna do Tempo**

### *Consciência de Objectos Temporais*

A teoria da consciência interna do tempo interroga-se em primeiro lugar sobre o modo como se constituem objectos temporais. Segundo Husserl, seria impossível perceber objectos de extensão temporal, caso a consciência apreendesse apenas o momento “agora” do objecto e caso o fluxo de consciência fosse o resultado de um somatório de “agoras” não conectados entre si. Para explicar a apreensão dos objectos temporais, assim como as situações em que se percebem sucessões e mudanças, faz uso de três termos técnicos: a impressão primordial, a retenção e a protensão.

Considere-se a sequência dos sons de uma melodia, exemplo que Husserl gostava de dar. Quando o primeiro som é intuído, o momento presente, a impressão primordial actua. Esta é acompanhada por uma retenção que mantém esse som-agora-mesmo-passado ligado aos novos sons que se vão sucedendo enquanto a protensão por sua vez antecipa sons futuros que estão por ser ouvidos. A consciência percebe objectos temporais “em blocos”, numa estrutura dinâmica tripartida e temporal, na qual de forma concentrada, as fases temporais (passado, presente e futuro) do objecto são presentificadas “em conjunto” na consciência. A retenção e a protensão devem ser distinguidas da recordação ou da antecipação temáticas por serem actividades cognitivas passivas. São o tempo fenomenológico da consciência interna e não os momentos do tempo objectivo. A impressão primordial, a retenção e a protensão estão permanentemente a ser actualizadas no fluxo de consciência criando uma cadeia retencional que mergulha na imperceptibilidade.<sup>8</sup>

### *Manifestação da Subjectividade e Temporalidade*

A consciência interna do tempo não é apenas uma explicação do modo como a consciência constitui objectos temporais é sobretudo uma teoria sobre a manifestação da subjectividade e é esse aspecto que a torna crucial para a psicologia e para a psicoterapia. Somos remetidos para a perspectiva husserliana da consciência pré-reflexiva, nesta a subjectividade manifesta-se da maneira radicalmente diferente do da dicotomia sujeito – objecto. Importa assim referir

---

<sup>8</sup> Husserl, 1994, p. 63; Zahavi, 2005, p. 57/58; Zahavi, 1999, p. 66; Bernet, Kern & Marbach, 1993, p. 103.

o conceito de dupla intencionalidade: a intencionalidade transversal (*Querintentionalität*) e a intencionalidade longitudinal (*Längsintentionalität*).<sup>9</sup> Regressemos ao exemplo da melodia. Se o acto intencional de cada som é denominado intencionalidade transversal, a do próprio fluxo de consciência é designada de intencionalidade longitudinal. Esta última não é uma retenção suplementar que acresce à retenção dos sons. Se assim fosse estaríamos perante uma regressão ao infinito. O acto intencional e o fluxo de consciência são indissociáveis.<sup>10</sup> A intencionalidade longitudinal explica como é que a consciência é consciência de objecto e simultaneamente consciência de si.

Todo o acto é consciência de qualquer coisa, mas todo o acto está também consciente (Husserl, 1994, p. 153).

Para Husserl a consciência de objecto não é o paradigma de todo o tipo de consciência. Num primeiro momento a subjectividade não se manifesta através de objectos internos. Perspectivas psicológicas defendem que o sujeito tem acesso ao *self* apenas quando os actos de consciência são objectos para si mesmo. A consciência interna do tempo é uma consciência pré-reflexiva, a retenção não produz objectos imanentes, Husserl refere claramente que o termo “percepção interna” é um equívoco.<sup>11</sup> A noção de dupla intencionalidade coloca-nos em presença de um *self* “primordial” pré-objectificado que já “sabe” antes de qualquer reflexão temática.<sup>12</sup> No entanto, Husserl salienta que a teoria da consciência interna do tempo é ainda muito formal e abstracta. Afastada dos conteúdos do fluxo de consciência,<sup>13</sup> está ainda distante dos objectivos da fenomenologia genética que pretende instituir uma génese da facticidade,<sup>14</sup> uma investigação do sentido existencial.<sup>15</sup>

### **Self Experiencial – Ipseidade Básica**

A consciência pré-reflexiva retencional é já uma modificação. Quando a impressão primordial passa a retenção já não estamos perante o objecto em si mesmo mas como este foi experienciado.<sup>16</sup> A retenção não inclui apenas o som-agora-mesmo-passado mas também a própria experiência de estar a

---

<sup>9</sup> Husserl, 1994, p. 107.

<sup>10</sup> Mohanty, 2008, p. 264).

<sup>11</sup> Husserl, 1994, p. 152.

<sup>12</sup> Held, 2003, p. 47.

<sup>13</sup> Husserl, 2001a, p. 174.

<sup>14</sup> Husserl, 2001a, p. 647.

<sup>15</sup> Husserl, 2001b, p. 185.

<sup>16</sup> Zahavi, 2003, p. ???.

ouvir a melodia. A retenção é dada na consciência como vivência<sup>17</sup> ou dito de outra forma, cada fase do fluxo de consciência é “uma vivência intencional”.<sup>18</sup> A temporalidade da consciência é a possibilidade primeira de uma análise do mundo experiencial da subjectividade. Tratam-se de experiências, a intencionalidade longitudinal é como que uma ancoragem da subjectividade, ou como refere Merleau-Ponty, as retenções e as protensões, são intencionalidades que me ancoram numa circunvizinhança.<sup>19</sup> É um fluxo de consciência constante, uno e indivisível que se mantém em permanência mas é também um fluir constante de vivências que se sucedem ininterruptamente que estão em constante mudança e mutação. Numa dimensão profunda do *self*, o fluir e a permanência, são uma e a mesma consciência interna do tempo.<sup>20</sup> Nesta vive este paradoxo de quem se sabe e reconhece como sendo a mesma subjectividade mas que coabita numa multiplicidade de experiências distintas e que está em permanente mudança. Falamos do Presente Vivo de Husserl.<sup>21</sup> A subjectividade está no presente e num para além de horizontes temporais de retenções e protensões que transcendem esse agora. Um jogo de presenças e ausências. A consciência interna do tempo é assim o lugar primordial para a constituição da Identidade.<sup>22</sup>

O fluxo vivencial da subjectividade remete para um sentido mínimo de *self*, uma ipseidade básica que Zahavi denomina de *self* experiencial. A consciência pré-reflexiva, dada numa perspectiva da primeira pessoa, *i.e.*, numa dimensão experiencial, implica que tenhamos uma consciência de *self* imediata. “O *self* está aí para o *Dasein* sem qualquer reflexão e sem qualquer percepção interna antes da reflexividade. A reflexão no sentido de ser um voltar-se para si, é apenas um modo de apreensão do *self*, mas não é um modo primário de desvelamento do *self*,” refere Heidegger nos *Problemas Básicos da Fenomenologia*.<sup>23</sup> A ipseidade básica, alicerce da psicoterapia existencial, não se dá como *self* objecto, nesse espaço original, não há primazia da consciência reflexiva sobre a dimensão experiencial. Pelo contrário, a consciência não temática é a condição necessária para que o *self* possa transformar-se em conhecimento de si. Discordante de algumas perspectivas actuais, esta posição teórica não defende o *self* narrativo como lugar primeiro para o desenvolvimento da psicoterapia. Embora o *self* narrativo seja possibilidade de uma construção outra da noção de Pessoa, depende do *self* experiencial

<sup>17</sup> Husserl, 1994, p. 153.

<sup>18</sup> Husserl, 1994, p. 142.

<sup>19</sup> Merleau-Ponty, 1945, p. 476.

<sup>20</sup> Held, 2003, p. 47.

<sup>21</sup> Husserl, 2003, p. 256.

<sup>22</sup> Husserl, 1977, p. 107; Husserl, 2001a, p. 173.

<sup>23</sup> “The Self is there for the *Dasein* itself without reflection and without inner perception, before all reflection. Reflection, in the sense of turning back, is only a mode of self-apprehension, but not the mode of primary self-disclosure” (Heidegger, 1982, p. 159).

que o precede. Retomando Merleau-Ponty diríamos que é na temporalidade da consciência que se constitui a ipseidade, o sentido e a razão.<sup>24</sup> Na consciência não-posicional, o *self* não é percebido como entidade que está à parte ou acima das experiências, nem fechado numa interioridade mas imergido no mundo.<sup>25</sup> O acesso ao primeiro não pressupõe a interrupção da sua interação com o mundo, pelo contrário, é na acção e na ligação intrínseca com o mundo que ocorre a compreensão da subjectividade.<sup>26</sup> A perspectiva da primeira pessoa, não é no entanto sinónimo de uma transparência directa do sujeito em relação a si mesmo.<sup>27</sup> Antes é a confirmação que tenho subjectivamente acesso ao mundo experiencial – uma identidade básica.

### **Análise Genético-Fenomenológica: investigação da facticidade**

Para compreender o *self* experiencial e com a introdução da problemática da temporalidade passamos de um *ego* absoluto e estático para um *self* fáctico que tem uma história, uma individualidade. Já em *Ideias II* Husserl refere-se aos termos mónada e Pessoa<sup>28</sup> para indicar essa facticidade, um processo de vir a ser, que constitui o tempo e que se constitui no tempo, centro de um mundo circundante. Pessoa e mundo estão relacionados entre si de forma inseparável. Esse mundo circundante não é apenas um mundo em si mesmo mas é “um mundo para mim”. Nesta obra, ao distinguir o Mundo Natural do Mundo Pessoal, Husserl entende que relações de motivação, distintas portanto de relações de causalidade, estão presentes na história de cada pessoa, presentes nas relações entre o *Self* e o Outro. O horizonte não é apenas o da subjectividade mas sobretudo o da intersubjectividade. A pessoa constitui-se, desenvolve-se, conhece-se e reconhece-se através do espaço intersubjectivo. A constituição do mundo, o desvelamento do *self* e o estabelecimento da intersubjectividade são processos interdependentes e simultâneos.

Mas onde e como se constituem essas motivações?

Num curso de Psicologia Fenomenológica que deu em Freiburg, em 1925, Husserl refere que a consciência interna do tempo, matriz da unidade psicológica, não é apenas um fluxo, mas uma vida particular, com sentimentos, com memória, com desejos, com hábitos adquiridos, com características pessoais.<sup>29</sup> Esta unidade psicológica constitui-se numa personalidade por um lado

---

<sup>24</sup> Merleau-Ponty, 1945, p. 487.

<sup>25</sup> Zahavi, 2007, p. 189.

<sup>26</sup> Sartre, 1943, p. 18; Merleau-Ponty, 1945, p. 487; Zahavi, 2005, p. 15; Zahavi, 2000 p. 74.

<sup>27</sup> Zahavi, 2005, p. 13; Zahavi, 2003, p. 160.

<sup>28</sup> Husserl, 1989, p. 290.

<sup>29</sup> Husserl, 1977, p. 107.

sedimentada,<sup>30</sup> por outro, vive numa permanente corrente de vivências que podem provocar mudanças, senão mesmo o colapso do *Self*. No fluxo de consciência interna do tempo constitui-se o processo de sedimentação, tratam-se de padrões de vivências, de criação de sentido, de expectativas implícitas dirigidas ao futuro. Em *Visível e Invisível*, Merleau-Ponty aborda essa camada de crenças mudas, que estão implícitas na nossa que vida e nos conduzem para um labirinto de dificuldades e contradições quando interrogamos o que é este nós, o que é este ver, e o que é este mundo.<sup>31</sup> A análise genético-fenomenológica irá implicar a investigação das origens e da formação destas formas de intencionalidade modeladas por géneses passivas e activas, através das quais se constitui a história da subjectividade. Dito de outro modo, a investigação das géneses fenomenológicas é uma compreensão explicativa do desenvolvimento de um mundo experiencial, de uma pessoa percebida como capaz que sedimentou um conjunto de camadas, níveis de sentido que condicionam o horizonte de possibilidades dadas no seu mundo.<sup>32</sup> A análise genética entra numa profundidade da consciência temporal onde habita esse universo experiencial que a fenomenologia estática não poderia investigar pelo que Husserl considera “o fluxo da consciência é um fluxo de uma génesse constante; não é uma mera série mas um desenvolvimento, um processo de vir a ser”.<sup>33</sup> A teoria da consciência interna do tempo apenas pode ser considerada integralmente quando relacionada com as estruturas profundas, constitutivas da existência.

### **A Consciência-Zero das Sínteses Passivas Motivacionais**

A investigação das motivações da facticidade conduziu Husserl a desenvolver uma teoria fenomenológica da associação<sup>34</sup> como metodologia de compreensão das sínteses passivas e activas. A fenomenologia da associação é simultaneamente paralela e um desenvolvimento à doutrina da consciência temporal.<sup>35</sup> A análise genética envolve a investigação das sínteses activas, onde o *self* forma pensamentos, vive numa racionalidade, síntese activas que, por sua vez, são influenciadas por actividades passivas constituídas no fluxo da consciência. Nas sínteses passivas o *self* não é activo na constituição de sentido, a passividade remete para um conjunto de conexões associativas onde as retenções das vivências pré-predicativas, pré-reflexivas, pré-linguísticas se formam e são sedimentadas nesse lugar que Husserl denomina de horizonte-

---

<sup>30</sup> Husserl, 1989, p. 234, 344.

<sup>31</sup> Merleau-Ponty, 1964, 17.

<sup>32</sup> Husserl, 1977, p. 99.

<sup>33</sup> Husserl, 2001a, p. 628.

<sup>34</sup> Husserl, 2001a, p. 163.

<sup>35</sup> Husserl, 2001a, p. 163; 2001b, p. 179.

-zero ou de consciência-zero.<sup>36</sup> Uma dimensão da subjectividade que se mantém em recesso, numa zona anónima e incógnita levando Merleau-Ponty a entender a existência como um esboço em permanência. A consciência-zero, espaço de não acção do *self*, pode ser reactivada através de uma força motivacional afectiva que por sua vez poderá desencadear toda uma cadeia retencional associativa que fluirá, por caminhos não previamente delineados, sobre as motivações implicadas na história e na vivência da subjectividade. São como refere Husserl, redes motivacionais implícitas, onde tudo se relaciona com tudo o que está implicado nessa facticidade. Esta consciência oculta é para Husserl um espaço de passividade que influencia e faz parte da própria actividade do *self*. Estamos perante uma passividade activa.

Husserl aborda a afectividade e o mesmo é falar de angústia, como salienta Sartre, às vezes não há uma razão, a espontaneidade angustia-se repentinamente, mas é também esta angústia acrescenta o filósofo francês que posiciona a redução fenomenológica não apenas como operação intelectual ou douta mas como investigação da existência.<sup>37</sup> Como se a angústia impusesse a redução. Este aspecto bem como duas considerações que Husserl faz sobre a redução, numas lições de 1910, são cruciais para o espaço terapêutico. Em primeiro lugar, refere a necessidade de ultrapassar algumas limitações artificiais e, partindo do fluxo de consciência dado na atitude natural, aplicar uma dupla redução. Uma primeira que devolve a experiência em si mesma a um olhar imanente; e uma segunda aplicada ao conteúdo da experiência intencional, *i.e.*, posteriormente na memória podemos exercitar a redução e desvelar dimensões não consideradas nas experiências originais.<sup>38</sup> Em segundo lugar, e porque a redução não é apenas dirigida a um ego individual<sup>39</sup> salienta a importância desta dupla redução fenomenológica, através de processos empáticos, ser desenvolvida no espaço intersubjectivo, o mesmo é dizer aqui, no espaço terapêutico.

## A Alteridade no *Self* Experiencial

À “subjectividade é-lhe essencial, assim como ao tempo, abrir-se a um Outro e sair de si”<sup>40</sup> acrescenta Merleau-Ponty. O *Self* fenomenológico, transcendência de si, abertura dirigida à alteridade apenas e através do outro se pode conhecer. A psicoterapia fenomenológica existencial não é espaço de indagação intrapsíquica mas lugar de investigação e compreensão da facticidade intersubjectiva. Sem tempo para abordamos esta questão gostaríamos

<sup>36</sup> Husserl, 2001a p. 216, 481.

<sup>37</sup> Sartre, 1994a, p. 81.

<sup>38</sup> Husserl, 2006, p. 74.

<sup>39</sup> Husserl, 2006, p. 79, 84.

<sup>40</sup> “La subjectivité n’est pas l’identité immobile avec soi: il lui est, comme au temps, essentiel, pour être subjectivité, de s’ouvrir à un Autre et de sortir de soi” (Merleau-Ponty, 1945, p. 487).

apenas de deixar uma última nota sobre as sementes da alteridade interna do *self* fenomenológico.

A retenção é a ponte para que consciência reflexiva possa introduzir uma duplicidade entre o acto que reflecte e o acto reflectido.<sup>41</sup> A consciência interna do tempo cria uma diferença, possibilita que a experiência surja, reflexivamente, numa multiplicidade de aparências através de horizontes temporais i.e., que a experiência pré-reflexiva possa ser tematizada. A reflexão pode ser realizada “na” memória desenvolvendo um jogo de olhares retrospectivos e prospectivos<sup>42</sup> de modo a que a consciência reflexiva constitua objectos temporais.<sup>43</sup>

Mas o que acontece quando a vivência é apreendida reflexivamente? Segundo Husserl há uma modificação, uma alteração.<sup>44</sup> A reflexão não tem assim uma acção meramente reprodutiva, altera o estado primitivo das vivências da consciência pré-reflexiva. A reflexão não é apenas uma mudança de atenção, origina novos actos cognitivos, transforma a experiência.<sup>45</sup> É um e o mesmo sujeito que reflecte sobre o acto reflectido. A redução ao constituir novos actos intencionais promove uma outridade no âmago do *self*. A relação da subjectividade consigo mesma é já uma alteridade. Sartre especifica que toda a presença a si encerra uma dualidade, uma separação no cerne da consciência pré-reflexiva. Essa separação, uma fissura impalpável, é uma distância no espaço, um lapso de tempo, uma diferença psicológica.<sup>46</sup> Em resumo, há três dimensões que originam uma alteridade interna no *self*, a temporal, a reflexiva e a corporal, esta última não abordada no presente texto. Como refere Sartre “a presença a si supõe uma ligeira distância de si, uma ligeira ausência de si. É precisamente este jogo perpétuo da presença e da ausência que parece ser difícil de existir, mas que nós fazemos perpetuamente, e que representa o modo de ser da consciência.”<sup>47</sup>

## Conclusão

Pretendeu-se apresentar uma proposta de divisão da psicologia fenomenológica em duas partes distintas, ainda que interconectadas entre si, baseadas respectivamente numa fenomenologia estática e genética. A primeira mais adequada ao campo de investigação científica de uma psicologia humana,

<sup>41</sup> Husserl, 1977, p. 117.

<sup>42</sup> Husserl, 2001a, p. 164.

<sup>43</sup> “Devemos, por conseguinte, à retenção que a consciência se possa tornar objecto” (Husserl, 1994, p. 144).

<sup>44</sup> Husserl, 1983, p. 178.

<sup>45</sup> Zahavi, 1999, p. 187.

<sup>46</sup> Sartre, 1943, p. 113.

<sup>47</sup> Sartre, 1994b, p. 107.

assente na noção de intencionalidade apresenta-se como uma psicologia eidética que poderá ser aplicada aos diferentes temas de estudo das investigações psicológicas e terá uma palavra a dizer sobre temas centrais da psicologia, como percepção, memória, linguagem, imaginação, etc. A psicologia fenomenológica II de base genética adequa-se ao espaço psicoterapêutico pois tem como objecto do seu questionamento não um *ego* constituído, mas um *self* que tem uma história assente em sedimentações geradas em parte por sínteses passivas operadas a um nível pré-reflexivo. A análise genético-fenomenológica é uma investigação intersubjectiva da facticidade em contexto terapêutico.

## Bibliografia

- Bernet, R., Kern, I. & Marbach, E. (1993). *An Introduction to Husserlian Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Gallagher, S. (2007). Pathologies in Narrative Structures. *Narrative and Understanding Persons*. Daniel D. Hutto (Ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gallagher, S. & Zahavi D. (2005). Phenomenological approaches to self-consciousness. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Edward N. Zalta (ed.). Stanford: Stanford University.
- Heidegger, M. (1988). *The Basic Problems of Phenomenology*. Indianapolis: Indiana University Press.
- Heidegger, M. (1927/1962). *Being and Time*. Oxford: Basil Blackwell.
- Heidegger, M. (1998). *Carta Sobre o Humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Held, K. (2003). Husserl's Phenomenology of the Life-World. *The New Husserl*. Don Welton. Bloomington: Indiana University Press.
- Husserl, E. (1977). *Phenomenological Psychology*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1983) *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy: first book*. Dordrecht: Kluwer.
- Husserl, E. (1989) *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy: second book*. Dordrecht: Kluwer.
- Husserl, E. (1994). *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Husserl, E. (2001a). *Analyses Concerning Passive and Active Synthesis. Lectures on Transcendental Logic*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Husserl, E. (2001b). *Meditações Cartesianas*. Porto: Rés.
- Husserl, E. (2005). *Investigações Lógicas*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Husserl, E. (2006). *The Basic Problems of Phenomenology*. Dordrecht: Springer.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.

- Mohanty, J.N. (2008). *The Philosophy of Edmund Husserl*. New Haven: Yale University Press.
- Rodemeyer, L. (2003). Developments on the Theory of Time-Consciousness. An Analysis of Protention. *The New Husserl. A Critical Reader*. Donn Welton (Ed.). Bloomington: Indiana University Press.
- Sartre, J. P. (1943). *L'être et le néant*. Paris: Gallimard.
- Sartre, J. P. (1940). *L'imaginaire*. Paris: Gallimard.
- Sartre, J. P. (1994a). *A Transcedência do Ego*. Lisboa: Edições Colibri.
- Sartre, J. P. (1994b) *A Consciência de si e Conhecimento de si*. Lisboa: Edições Colibri.
- Zahavi, D. (2007). Self and Other: The limits of narrative understanding. *Narrative and Understanding Persons*. Daniel D. Hutto (Ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Zahavi, D. (2005). *Subjectivity and Selfhood: Investigating the First-Person Perspective*. Cambridge: The MIT Press.
- Zahavi, D. (2003). Inner Time-Consciousness and Pre-reflective Self-Awareness. *The New Husserl. A Critical Reader*. D. Welton (Ed.). Bloomington: Indiana University Press.
- Zahavi, D. (2000). Self and Consciousness. *Exploring the Self. Advances in Consciousness Research*. Dan Zahavi (Ed.). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Zahavi, D. (1999). *Self-Awareness and Alterity. A Phenomenological Investigation*. Evanston: Northwestern University Press.
- Zahavi, D. (1998). Self-Awareness and Affection. *Alterity and Facticity*. N. Depraz & Dan Zahavi (Eds.). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

## ABSTRACT

The present paper intended to present a proposal for division of phenomenological psychology in two separate areas but interconnected with each other, based respectively on a static and genetic phenomenology. The former is more appropriate for a research field of human psychology, based on the concept of intentionality is presented as an eidetic psychology that can be applied to different subjects of study of psychological research and have as a research field on major issues of psychology, as perception, memory, language, imagination. Phenomenological Psychology II, based on a genetic phenomenology is applied on the psychotherapeutic space because its object of inquiry is a self that has a story based on sedimentations generated in part by passive syntheses that operate at a pre-reflexive level. The genetic analysis is a phenomenological investigation of inter-subjective facticity in a therapeutic context.